

REFLETINDO SOBRE PRÁTICAS MISSIONÁRIAS EM ANGOLA: EM BUSCA DE UM MODELO MISSIONAL CONTEXTUALIZADO

Felgas Teófilo Lucas¹

Resumo

O presente artigo procura refletir sobre a prática missionária das igrejas da Convenção Batista de Angola, a fim de dar respostas contextualizadas às situações vividas neste país. Considerando o ambiente cultural angolano marcado pela vulnerabilidade social, divisões e medo, o ensino da Igreja Missional vem apontar para a necessidade das igrejas locais viverem como comunidades alternativas e contraculturais, em oposição aos valores incompatíveis com o Reino de Deus que ainda imperam na sociedade. O conceito da Igreja Missional ainda é algo novo para a maioria das Igrejas da Convenção Batista de Angola. Quando esta denominação foi criada, as potências europeias estavam se movendo em direção ao Sul Global com o intuito de colonizar, civilizar e cristianizar. Ao longo deste tempo, a igreja ajustou-se ao paradigma iluminista e tem vindo a reproduzir tal modelo com destaque no expansionismo conversionista. Tais modelos não respondem mais às demandas atuais do país. Como consequência, a igreja continua a responder perguntas que já não estão sendo feitas. Por essa razão a igreja precisa compreender a importância de ser missional, rever o seu papel dentro da Missio Dei para que sua mensagem seja relevante para o povo angolano sem comprometer a fidelidade às Escrituras.

Palavras-chave: Igreja, Missional, Paradigma, Missio Dei, Batistas em Angola

Abstract

This article reflects on the missional practice of the churches of the Baptist Convention of Angola, seeking to offer contextualized responses to the challenges faced within the Angolan reality. Given a cultural environment marked by social vulnerability, fragmentation, and fear, missional church teaching highlights the need for local congregations to embody alternative and countercultural communities that challenge societal values incompatible with the Kingdom of God. The concept of the Missional Church remains relatively new among most churches of the Baptist Convention of Angola. When the denomination emerged, European powers were expanding into the Global South

¹ Mestre em Missiologia pelo Programa de Pós-Graduação do Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola; Tem Licenciatura em filosofia pelo Instituto superior de Ciências de Educação do Uige, Licenciatura em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Huambo. ORCID 0000-0002-3688-7980

with aims of colonizing, civilizing, and Christianizing. Over time, the church adapted to the Enlightenment paradigm and has continued to reproduce a model centered on conversionist expansionism—an approach that no longer addresses the nation's current needs. As a result, the church persists in answering questions that are no longer being asked. For this reason, it is essential for the church to grasp the significance of being missional and to reconsider its role within the *Missio Dei*, ensuring that its message remains relevant to the Angolan people while maintaining fidelity to Scripture.

Keywords: Church, Missional, Paradigm, Missio Dei, Baptists in Angola

Introdução

O modelo de prática missionária que por anos prevaleceu em Angola foi expansionista e conversionista. Neste paradigma, estar em missão implica a disposição de um missionário deslocar-se da sua região para outra localidade, ou subcultura, que recebe o nome de campo missionário, a fim de plantar uma nova igreja. Os demais membros da igreja recebem a função de orar e contribuir financeiramente. Para grande parte dos cristãos, a igreja é compreendida como um conjunto de pessoas salvas que se reúnem para estudar a Bíblia e adorar a Deus, são envolvidas com diversas atividades dentro do templo, evangelizam e trazem pessoas para esta sua comunidade enquanto aguardam o dia de ir para o céu.

Isto nos leva a refletir sobre a importância da Igreja Missional e como ela entende sua participação na *Missio Dei* que impulsiona a se envolver mais com a cultura ao seu redor. Assim, ela é desafiada a adequar sua prática missionária, para ser mais contextualizada e que responda aos novos desafios e necessidades em Angola.

Mesmo depois de 20 anos desde que foram assinados os acordos de paz, o país ainda passa por uma reconstrução lenta que gera vulnerabilidades sociais e divisões políticas e neste contexto a igreja precisa ter um engajamento mais missionário na sociedade, em que cada membro da comunidade cristã é capacitado a ser agente da missão no dia a dia, de maneira que a igreja seja vista como um farol e como presença que abençoa a vizinhança, que trabalha para o bem comum. O sistema colonialista destruiu alguns valores culturais angolanos, mas temos ainda a igreja como esperança, a comunidade de Cristo colocada sobre o monte.

Compreendendo o contexto cultural da igreja angolana

Nossa pretensão aqui é apresentar apenas uma síntese sobre o conceito de cultura, os valores e práticas, e a necessidade de serem compreendidas pelo fato de jogarem um papel importante para o realinhamento da missão e refletir sobre novas práticas para a igreja dentro dum contexto cultural definido.

Definição e Fundamentação Bíblica da Cultura

Na visão de Goheen (2021), é urgente o desenvolvimento de uma missiologia que considere a cultura, para maior propriedade do trabalho missionário e impedir os ácidos da modernidade que estão produzindo um impacto destrutivo na fé cristã.

Este posicionamento de Goheen merece uma profunda reflexão porque a cultura segundo Hiebert (1999, p.30-35), é uma palavra comum que se relaciona com ideias, sentimentos e valores. É o meio através do qual o evangelho (mensagem de libertação dos cativos) e fé (resposta positiva ao ato de libertação) se expressam (NIEBUHR, 1967, p.16). Todos vivem a cultura sem se dar conta. Ela se produz socialmente, mas acontece naturalmente. A cultura é algo humano, social, público, visível, perceptível, notório, mas microscópico (ROCHA, 2013).

O historiador Alfredo Bosi, parafraseado por Rocha (2013), diz que a palavra cultura advém da palavra *colo*, que no latim significa *eu moro, eu cultivo*. Inicialmente ligada às culturas agrícolas, posteriormente o verbete passou a referir-se ao conjunto de ideias e tradições de um povo. E por último, ganhou novos contornos passando a designar o cultivo das tradições, dos cultos, ritos e identidade de cada população pelo fato dos antepassados serem enterrados no mesmo solo no qual o alimento do povo era plantado (ROCHA, 2013).

O pacto de Lausanne observa a riqueza da palavra na sua etimologia, em três sentidos distintos: Em primeiro lugar, o termo traz o sentido de dominação, quando se observa a origem comum com a palavra colonização. Em segundo lugar, guarda um caráter transcendente ao vir da mesma raiz da palavra culto. E

em terceiro lugar, engloba a noção de civilização além de ser compreendida numa chave que remete a noção de cultivar, contemplando vários aspetos da intervenção humana no cotidiano (LAUSANNE 30, 2007).

O conceito, na perspectiva do seu carácter relacional precisa ser largamente difundido, pelo fato de valorizar as diferenças e afirmação dos direitos humanos, da igualdade e da dignidade.

Todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas e a comunidade [...] dá vida e sentido aos indivíduos e deve ser pensada como um feixe de relações, teias de significados que sustentam a humanidade. Meio pelo qual homens e mulheres comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (LAUSANNE 30, 2007, p.11)

A cultura, segundo Lausane 30 (2007, p.11 apud TAYLOR: 1871) é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte moral, lei, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Tudo aquilo que pode ser aprendido e apreendido por intermédio do contato com o outro.

A dimensão simbólica da cultura é muito importante e desempenha um papel central e vital no dia a dia de um povo. Segundo Bourdieu (apud Lausanne 30, p.12) pelo fato de serem instrumentos por excelência de integração social, de conhecimento e de comunicação, tornam de igual modo possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social.

Um outro aspeto importante na definição da cultura e que deve merecer nossa especial atenção é a realidade do pluralismo cultural. Torna-se um enorme desafio porque é necessário que se crie condições, da parte da sociedade e do estado, para que as diferentes expressões culturais possam conviver num mesmo espaço social com respeito ao diferente. Uma vez que a cultura representa a expressão central da experiência humana, a sociedade como um todo só tem a ganhar ao reconhecer a pluralidade cultural humana e incentivar a riqueza que esta representa.

Por isso, devemos remover do nosso pacote vital os preconceitos, as limitações e reprimir as pretensões e tendências de dominação de uma cultura sobre a outra (LAUSANNE 30, 2007, p. 11).

A Bíblia afirma que Deus criou o homem a sua imagem segundo a sua semelhança, macho e fêmea os criou, dotados de racionalidade, sociabilidade, moralidade, criatividade e espiritualidade (Gênesis 1:26,27). Deus os abençoou dizendo, frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra, e ordenou ainda Deus que o homem sujeitasse e dominasse a terra (Gênesis 1:28).

Os mandamentos divinos deram origem a cultura humana. O homem neste contexto usa o poder criativo, controla o meio ambiente e desenvolve formas de organização social (LAUSANNE 30, 2007, p. 23). O livro de Gênesis (4:17-22) apresenta os descendentes de Caim inovando a cultura, edificando cidades, criando animais, produzindo instrumentos musicais e ferramentas de metal, servindo e glorificando a Deus, e cumprindo parte importante do seu destino na terra. Portanto, onde quer que o ser humano desenvolva sua organização, arte e ciência, agricultura e tecnologia, sua criatividade reflete a de seu Criador.

Por sua vez, ao lado destas virtudes todas, no capítulo três de Gênesis encontramos o homem caído, cedendo à influência demoníaca e como consequência, surgem os graves problemas e preconceitos culturais e o homem tem que lutar inclusive contra si mesmo (Gênesis 3:17-19).

Cosmovisão, Língua, Costumes e Valores

(...) a cultura governa as ações que se desenvolvem em comunidades: ações de culto e de bem-estar geral; leis e a administração da justiça; atividades sociais, como danças e jogos; unidades de ação menores, como clubes, sociedades e associações para uma imensa variedade de fins comuns (LAUSANNE 30, 2007, p. 26).

No centro da cultura angolana esteve sempre uma cosmovisão relativa à de idade. O mosaico cultural angolano, apesar da sua homogeneidade, é de certo modo rico e complexo. Compreende uma quantidade de subculturas, e de subculturas de subculturas. Cada uma delas é caracterizada por uma língua, costumes e valores próprios. Chaves (2008, p. 22) cita alguns destes muitos povos e tribos que formam o mosaico humano e heterogêneo de Angola, que

implica numa variedade de línguas tais como: o Kikongo, o kimbundu, o Umbundo, o Chokwe, o Nganguela, o Herero, o Ambó, com as suas devidas variações.

A linguagem, logicamente, é a base genérica comum intimamente ligada à cultura e expressa-se em provérbios, mitos, contos populares e diversas formas de arte que formam o equipamento mental de todos os membros da sociedade (LAUSANNE 30, 2007, p. 26). Segundo Imbamba (2010, p.42-43), a linguagem por si só, não é suficiente para que nasça e se estabeleça uma cultura. Requerem-se fundamentalmente uma língua, que é o elemento primário de qualquer cultura. Não havendo língua, não pode haver formação de um povo, uma nação, uma sociedade ou desenvolvimento de uma cultura.

O meio social é o fator determinante na aprendizagem e absorção cultural. É no meio social onde são construídas as normas sociais que formam e educam o agir das pessoas e regem as relações entre si que garantem o respeito, a fraternidade, a unidade e a solidariedade (Imbamba, 2010, p. 44) que fazem o estilo de vida típico de um determinado povo.

Segundo Altuna (1985, p. 197), a solidariedade Bantu fundamenta-se na unidade de vida, na relação recíproca entre os descendentes de um idêntico antepassado. Pois, o fato de nascer numa família ou tribo imerge-nos numa corrente vital específica e nela somos modelados a maneira desta comunidade. Altuna é assertivo quando afirma:

A vida comunitária individualiza-se em cada novo ser. A comunhão real, a participação efetiva e a solidariedade, estreitas e vinculantes robustecem coesamente a sociedade depois de estruturá-la. Cada grupo de parentesco é uma unidade de comunhão, uma comunidade solidária, humanamente rica, amplexiva e socialmente eficaz, indestrutível e amparadora (ALTUNA, 1985, p. 199).

A esfera dos hábitos e costumes é vasta pelo fato de abarcar todos os aspetos do comportamento humano. Imbamba diz que

(...) são os costumes que manifestam a grandeza, a nobreza e a dignidade ou a baixeza, a vileza e a miséria de um povo, pois são eles que revelam um dos aspectos de grande importância no mundo da cultura: o aspecto afetivo, graças ao qual podemos medir a capacidade de expansão dos ideais e de acolhimento dum povo (IMBAMBA, 2010, p. 45).

O mundo dos valores, afirma Imbamba (2010, p.46), é um dos grandes pilares que sustentam e projetam a cultura para os horizontes da dignidade, nobreza e estima. A grandeza e a miséria duma cultura dependem da grandeza e da miséria dos seus valores. Os valores constituem o coração, a alma de qualquer cultura que queira ter reputação digna de respeito, admiração e estima. São os valores, que orientam as principais escolhas de comportamento a nível pessoal ou social.

Hoje, apesar dos elementos negativos da nossa cultura, tais como a poligamia endêmica, a fuga à paternidade, a feitiçaria, inegavelmente temos enfrentado o problema do relativismo cultural que tem vindo a enfraquecer a força da cultura, associado principalmente às tecnologias de informação.

A África negra conserva um conjunto de práticas, ritos e superstições recebidos de ancestrais como fator decisivo da cultura. Desta cosmovisão básica surgem tanto os padrões de julgamento ou valores, como também as normas de conduta.

Já no século XV, o mundo ocidental começa a registar grandes transformações, assinalando a passagem da civilização medieval à idade moderna. Foi desenhado o ambiente de euforias, ambições, curiosidades e aventuras do norte ao sul global. É neste ambiente em que os portugueses escalaram Angola levando a cabo seu plano macabro e repugnante tráfico de escravos e concomitantemente a escravatura. Imbamba, na sua observação sobre a realidade histórica e cultural de Angola afirma:

[...] a colonização de Angola foi incerta, difícil, recente e feita duma maneira indigna e empobrecedora. Com efeito, este país foi reduzido a uma grande penitenciária, em que todas as espécies de bandidos (principalmente gatunos e assassinos), pessoas de péssimos costumes (prostitutas, corruptos etc.) e certos opositores políticos recebiam como pena dos seus crimes, viver em Angola! Porém, uma vez postos em Angola, viviam como senhores livres, retomando, como é lógico, as atividades pelas quais haviam sido condenados e afastados da metrópole (...). Portanto, já se pode vislumbrar o tipo de ambiente social e moral que reinava nessa terra predileta (IMBAMBA, 2010, p.74).

A política colonial portuguesa em Angola visava destruir e danificar a identidade cultural dos povos com a sua utopia de querer integrar Portugal e Angola como uma única nação portuguesa. Nascimento observa:

Durante o período colonial em Angola [...] a negação da identidade para viabilizar o poder dominante foi a regulamentação de medidas que aceleravam o processo de descrioulização e aportuguesamento da população local. Somente quem tinha assumido suficientemente a cultura portuguesa ganhava a cidadania. O bilhete de identidade certificava que alguém estava assimilado. Os outros nativos não eram considerados civilizados, e para conseguir alguns direitos básicos na sociedade, a maioria da população perseguia esta meta de ser assimilado (NASCIMENTO, 2015 p.111-112).

O sistema colonial português em Angola protagonizou uma crise cultural, como também semeou graves e profundos problemas, que a nosso ver, e conforme destacados por Imbamba (2010, p.75- 16) tornaram-se desafios para a igreja em nossos dias, pelo fato dos aspetos obscuros não difundidos afetarem grandemente a mentalidade das pessoas. Escancarou as portas da cultura e recebe ingênua e passivamente, sem crivo, tudo que vem de outras culturas.

- Desenvolveu uma política discriminatória, segregacionista e opressora, criando um profundo fosso entre portugueses e assimilados (uma minoria) e os indígenas (os considerados não cidadãos).
- Ao espezinhar as culturas dos povos nativos a favor da cultura ocidental favoreceu o nascimento de preconceitos e complexos de vária ordem.
- O mito da superioridade racial favoreceu o reinado da mentalidade escravista e o incremento do paternalismo tutelar

Hoje, temos uma sociedade com um ambiente culturalmente insalubre, viciado e gerações mal orientadas. Os preconceitos culturais, a intolerância, a instabilidade, a insegurança, a corrupção, a mentira, os interesses da nação condicionados aos interesses obscuros, passaram a ser o dia a dia dos angolanos.

Numa cultura dessa natureza, (...) o indivíduo se move na sujeição dos outros. Não é ele mesmo, os outros esvaziaram-no do seu ser. O árbitro dos outros decide sobre as possibilidades cotidianas do indivíduo. Nesta irrelevância e impessoalidade o “se” exerce a sua ditadura autêntica, em que tudo se faz porque todos fazem assim: mato

porque se mata, roubo porque se rouba, aborto porque se aborta, garimpo porque se garimpa, destruo porque se destrói, não trabalho porque não se trabalha e assim por diante. Portanto, é toda uma sociedade que se fomenta e convive pacificamente com a estrutura do mal, dando mesmo a impressão de estar contra a justiça quem não estiver dentro dos labirintos dessa estrutura (IMBAMBA, 2010, p.115).

Um terceiro fator da crise cultural, é a ruptura e o aniquilamento do tradicional. No lugar do diálogo e complementariedade entre o tradicional e o moderno, a modernidade vai construindo o tecido cultural e os valores tradicionais da nossa cultura (Família, Estado, Igreja, Escola, Unidade, Direito, Solidariedade, Justiça etc.) vão-se empobrecendo, morrendo e sendo relegados ao abandono. Segundo Imbamba (2010, p. 117, 118), os intelectuais orgânicos que deveriam ser sentinelas da cultura, têm sido os promotores e projetores de uma cultura débil, fragmentada, que absolutiza alguns valores relativos, instrumentais, contingentes e ocasionais.

Dada a esta desorientação generalizada, assistimos a perversão dos costumes e as pessoas tornaram-se escravas dos seus próprios instintos, corroendo profundamente o altruísmo, a hospitalidade, o diálogo, o convívio e a paz que caracterizava os povos de Angola. Até o trabalho que é uma atividade indispensável para o desenvolvimento integral do homem ficou diluído. Imbamba afirma:

A estrutura do mal ficou tão bem montada que quase todos entram nela sem grandes esforços ou sacrifícios, pois quase todos se tornam pedra de tropeço. Os sinais preocupantes são vários e graves, pois aqueles que deveriam empenhar-se no bom exemplo são os primeiros que aliciam os demais à má conduta, convertendo o escândalo em ato público, social (...) (IMBAMBA, 2010, p.136).

A partir desta constatação é perceptível a miserabilidade que a nossa sociedade tem atravessado, servindo de ponto de partida para repensarmos a missão e o ser igreja em nossa cultura.

Possibilidades e alternativas na busca por uma prática missional para a igreja angolana

Propomo-nos a buscar possibilidades e alternativas que nos ajudem a alinhar nossa prática missionária com o ideal do projeto inicial divino, pelo fato

de Deus ser o protagonista da missão. A igreja por sua vez, envolve-se de modo ativo como cooperadora conforme afirma o Apóstolo Paulo, que somos cooperadores de Deus (1Cor 3:9). Dentro desta cooperação com Deus, a igreja, ao refletir sobre a mensagem do Evangelho, deve trocar as lentes impostas pelo movimento colonizador e em humildade se render e se disponibilizar para a realização do plano divino de usar sua igreja para a Sua glória fazendo discípulos de todas as nações, começando pelo seu bairro servindo aos propósitos de Deus.

Descolonizando a prática missionária

Como já foi referido, a igreja em Angola surgiu num contexto em que as potências ocidentais marcharam em direção a África com pretexto de civilizar, colonizar e cristianizar. É realmente triste e desolador a constatação de que o movimento protestante é parte desta cumplicidade imperialista. Também já foi dito que a concepção que temos do ser igreja hoje, bem como, a prática missionária de implantação de igreja, herdamos da construção teológica ocidental.

Analiza alguns questionamentos que são autênticas provocações e desafios para a nossa prática missional hoje (Nascimento, 2015 p. 117): Será que aprendemos a lição ou vamos reproduzir a mesma lógica colonialista? Como romper com o modelo ocidental moderno que imprimiu sua matriz também na missão e sua prática? Como conseguir não repetir os erros que condenamos?

Infelizmente, a igreja, conforme afirma Nascimento (2015 p. 99), continua a reproduzir mecanicamente a lógica colonialista eurocêntrica de dominação que reforça a nulidade da identidade do outro reduzindo-o a simples objeto com motivações unilaterais, dando lugar às relações algumas vezes predatórias e silenciadoras.

A *relação predatória* tem como fundamento o projeto ibérico cuja motivação é a expansão acompanhada de dominação. Portanto, o projeto ibérico sedimentou uma cosmovisão de uma religião superior, uma cultura superior, uma raça superior e povos inferiores descobertos. Aqui são colocados em evidência os sentimentos de inferioridade e subalternidade. O sentimento de

superioridade do estrangeiro é tão grande que sufoca e encobre o “outro”. (NASCIMENTO, 2015 p. 100).

A relação silenciadora é projeto norte-americano que visa reproduzir uma cultura modelo e conversionista com a forte tendência de ser superior ao autóctone. Fruto da obsessão do visitante de cumprir seus objetivos, emudece e promove a invisibilidade do “outro”. O que os outros pensam e as suas reais necessidades são secundárias tendo em conta sua cultura e suas prioridades.

Sobre as relações de alteridade, Nascimento (2015 p. 13), enfatiza a necessidade de um reencontro com a dialogicidade na ação missionária para atuar numa lógica descolonizada. E para escapar desta lógica colonial, é necessário a recuperação do modelo ideal bíblico.

Nas relações de poder, o mundo do outro é interpretado como demoníaco, inferior, selvagem, negativo, errado e deveria ser totalmente eliminado, começando tudo de novo por meio transplantação de novos costumes ocidentais. Não é respeitada a dignidade e alteridade do outro. Por isso a necessidade da criação de um outro. Nascimento, lembrando Dussel, quando afirma:

Esse modo de pensar foi lembrado por Dussel, ao comentar o método da tábula rasa, que afirma que as culturas locais encontradas pelos europeus no novo continente nada tinham a contribuir no processo de evangelização e por esta razão era preciso partir da estaca zero [...] (NASCIMENTO, 2015 p. 101).

Portanto, é de salientar que:

Mesmo sendo bem-intencionado, o missionário pode ter um tipo de prática que desconsidera o mundo do outro com sua história, contexto, seus saberes e suas vivências – fruto de uma concepção colonialista, que Paulo Freire chama de “bancária”. Ele simplesmente se preocupa em despejar conteúdos e transferir princípios para o outro, que apenas recebe passivamente. O missionário é o que sabe tudo e ignora o que as pessoas do local já sabem e fazem. É possível até conseguir alguns retornos positivos para as mensagens, mas tocar de fato o coração das pessoas será outro caminho (NASCIMENTO, 2015 p. 101).

Nas relações de alteridade Nascimento (2015 p.108) traz detalhes reveladores cujo foco é o cristianismo bíblico e a missão é relacional e dialógica,

trabalhando com homens e mulheres, vivendo com eles numa perfeita interação de amor, cultivando vínculos de amizade mais profundos.

A igreja não é mais aquela que está presa no templo com uma ortodoxia rígida, regulada em programas com intuito de cumprir metas, mas procura estar na rua impactando vidas numa clara demonstração de amor. Não busca adesões, mas procura conquistar o direito de ser ouvida num perfeito diálogo e comunhão entre iguais contrariamente a ênfase de relacionamentos verticalizados.

Estamos diante de um grande desafio missionário. Precisamos ter coragem para rever nossos modos de fazer, e encontrar saídas inovadoras dentro da Palavra de Deus.

Entendendo a mensagem do Evangelho e a contextualização

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo, Hebreus (1.1-2).

A realidade da palavra de Deus nos mostra que Deus se contextualizou enviando Seu Filho Jesus Cristo. O apóstolo João, olhando para Jesus diz que no princípio era o verbo, o verbo estava com Deus e o verbo era Deus. Aquele que é a palavra tornou-se carne e viveu entre nós, João (1.1,2,14). Padilla vê Deus aculturar-se pelo fato de ter habitado entre os homens que são seres culturais.

A palavra de Deus se fez homem: aculturou-se, já que o homem é um ser cultural. Assim Deus se coloca ao alcance dos homens. Consequentemente, não é possível entender nem comunicar o evangelho sem referência à cultura. (PADILLA, 1992, p. 94).

Os arautos do Velho e do Novo Testamento sempre adaptaram a mensagem do evangelho à situação concreta dos seus ouvintes. Portanto, é necessário entender o evangelho.

Os questionamentos mais importantes que hoje podem ser feitos com respeito a vida e missão da igreja, não estão relacionados com o conteúdo e a relevância do evangelho (Padilla, 1992, p. 72), mas às diferentes interpretações.

Observando o contexto social, cultural e religioso de Angola, é fundamental que a igreja tenha em mente este elemento, referenciado por Padilla, visto que um evangelho espúrio somente pode dar como resultado uma conversão espúria. O verdadeiro evangelho produz a chamada experiência cristã, que é uma experiência do evangelho. Seu conteúdo não pode ser comparado com as formulações e interpretações doutrinárias que se apresentam hoje como síntese do evangelho.

Paulo, o apóstolo, dirigindo-se aos Gálatas afirma de modo inequívoco e categórico de que, além do evangelho que ele prega, não há outro evangelho. E se porventura mudar de postura e voltar a pregar outro evangelho, considerem-no de anátema.

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! (Gálatas 1.6-8 NVI).

O profeta Isaías faz um anúncio importante acerca do evangelho, numa altura em que vislumbra o retorno de Israel do exílio. Para Isaías, este retorno representa uma pura manifestação da soberania de Deus e uma antecipação do evangelho cristão. “Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas-novas, que proclamam a paz, que trazem boas notícias, que proclamam a salvação, que dizem a Sião: “O seu Deus reina!” (Is 52.7 NVI).

Portanto, o evangelho de Jesus Cristo no primeiro século, foi anunciado no contexto de outros evangelhos que pretendiam trazer salvação a uma humanidade que ansiava por gozo e paz, num mundo de expectativas messiânicas. É assim que o evangelho deve ser compreendido como um anúncio escatológico bem como uma mensagem de salvação cuja síntese é a pessoa e obra de Jesus Cristo.

O propósito do evangelho é libertar a criação do cativeiro da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus, refere o apóstolo Paulo aos Romanos (8.21). E dentro desta argumentação escatológica,

Padilla afirma que desde os primórdios o evangelho era compreendido como o cumprimento das promessas divinas:

O que os arautos do evangelho proclamavam não era nem mais nem menos que o cumprimento de uma promessa de Deus, longamente esperada: a promessa de visitar seu povo! [...] precisamente, porque João Batista é o primeiro a anunciar que Deus está prestes a atuar, para salvação e juízo, por meio de “aquele que vem” Mt 3.7-12; Lc 3.16-18. Ele está no limite entre a era da promessa e a era do cumprimento (PADILLA, 1992, p. 76).

Como proclamação da salvação, o evangelho não se limita à reconciliação do homem com Deus, mas sim abarca o homem todo para o propósito original de Deus para a sua criação. A própria salvação, segundo Padilla (1992, p. 87), precisa ser entendida em três estágios: Como fato realizado (justificação); como processo presente (santificação) e como ênfase de um evento futuro (glorificação).

A mensagem do Evangelho e a igreja missional

É fundamental entender que o evangelho não é um corpo de doutrinas, mas Cristo e sua obra. Sua proclamação marca o tempo determinado por Deus para cumprimento do seu propósito. Seu conteúdo não é uma nova teologia, mas sim um evento que é a vinda do Reino. Jesus vê a si mesmo como o arauto da nova era chamando a humanidade ao arrependimento e à fé.

Para uma compreensão clara da igreja missional é necessário fundamentalmente, discernir a natureza do evangelho. Goheen (2014, p.47-50), destaca primordialmente alguns aspectos sobre a sua natureza: (1) O evangelho exige de seus ouvintes aceitarem a história verdadeira do nosso mundo, pois em Jesus é revelado o significado completo da história, que inicia com a criação de todas as coisas e termina com a renovação de todas as coisas. (2) O tema central dessa história é, o propósito e a atividade de Deus de renovar toda a criação e a vida humana como um todo. (3) A mensagem central das boas novas é a vinda do reino de Deus. E, o Reino de Deus é o poder de Deus em acção no Messias e por meio do Espírito Santo. (4) Deus realiza seus propósitos redentores nessa história escolhendo um povo para tornar conhecida a todos a direção que a história está tomando. (5) O evangelho revela que essa comunidade escolhida e

enviada por Jesus é tanto início de algo novo como a continuação de algo mais antigo.

A releitura do evangelho nos marcos da cultura angolana

A Igreja em Angola precisa fazer esforço no sentido de reler o evangelho. Reconhece-se o déficit teológico em que a África vive, quer a teologia especulativa produzida pelos especialistas, bem como a funcional forjada em meio à luta e para a luta.

Portanto, a ausência da teologia na igreja angolana, é a razão pela qual vem tateando com ignorância aos fatores que conspiram contra a contextualização do evangelho na cultura e as suas profundas implicações para a vida e a missão da igreja.

Não se refere, no caso, a teologia implícita na comunicação do evangelho, mas, a teologia provocativa que procura produzir uma análise profunda da reflexão teológica em relação à vida e a missão da igreja e uma reflexão teológica própria e contextual.

O que vemos e vivemos, eternizamos um conjunto de fórmulas doutrinárias e muitas delas mal assimiladas, sem inserção em nossa própria realidade histórica. Repetimos as mesmas tabelinhas de evangelização, a liturgia, os hinos, e demais práticas. Nas palavras de Padilla:

[...] A análise de todos os aspectos de nossa realidade eclesial, mostrará que nossa dependência teológica é tão real e tão forte como a dependência econômica que caracteriza os países do terceiro mundo [...] A igreja que é o produto deste movimento histórico sofre um sério desarraigamento espiritual e intelectual. Não há nenhuma possibilidade de que esta situação mude enquanto a tarefa teológica das missões seja concebida em termos de exportação de teologias elaboradas no Ocidente [...] esta mentalização dos cristãos, frequentemente apoiada pelo poder econômico, no mínimo retardará indefinidamente o desenvolvimento de igrejas autóctones, arraigadas em sua própria cultura e capazes de fazer sua própria contribuição teológica [...] (PADILLA, 1992, p. 105).

Fruto desta ausência teológica em que a igreja angolana vive, fica exposta a dois problemas muito sensíveis: o problema hermenêutico do texto sagrado e o problema da comunicação do evangelho.

Se o conhecimento religioso, por sua própria natureza, abarca o histórico, o metafísico, o ético e o pessoal conforme refere Padilla (1992, p. 96), então o problema hermenêutico vai além da leitura simplista das escrituras. O texto sagrado neste contexto deve ser lido dentro da tradição histórica, porque a revelação bíblica é um mosaico de eventos históricos e sua interpretação por parte de autores bíblicos.

Cientes de que a intenção de Deus na revelação não foi a produção de um livro, mas a formação da sua igreja e por sua vez, a igreja seria a portadora da sua palavra e testemunha da revelação, conforme as últimas palavras de Jesus expressas no livro de Atos dos apóstolos: “Vocês vão receber o Espírito Santo, e, quando ele vier, vocês serão minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até mesmo nos confins da terra” (Atos 1.8 A Mensagem).

No entanto, a história, com todas as limitações decorrentes do abismo temporal, desempenha uma importância singular na compreensão e interpretação da Bíblia. Fatores como a tradição eclesiástica, atitude do intérprete e a cultura podem ser condicionantes e limitadoras na compreensão. Padilla afirma:

Deve-se reconhecer, no entanto que com demasiada frequência a tradição se converte (inclusive entre aqueles que professam o princípio de *sola scriptura*) em um fator de controle exegético que impede que o intérprete escute a mensagem das escrituras (PADILLA, 1992, p.96).

Quanto a cultura, é claro que em todas as culturas há elementos negativos desfavoráveis à compreensão do evangelho; mas também precisamos ter consciência que cada cultura possui elementos positivos favoráveis à compreensão do evangelho.

Tratando-se da comunicação do evangelho, a palavra de Deus diz que Deus em Cristo se fez homem, se encarna na cultura colocando-se ao alcance do homem como ser cultural. Neste contexto, a comunicação do evangelho ocorre na encarnação. Segundo Padilla,

Qualquer tentativa de comunicar o evangelho sem uma inserção prévia e profunda por parte do sujeito comunicante na cultura receptora é subcristã. Toda a Bíblia é um testemunho eloquente da intenção de

Deus de se encontrar e dialogar com o homem em sua situação histórica concreta (PADILLA, 1992, p. 101).

Implica dizer, que toda comunicação autêntica do evangelho busca o ponto de contato com o homem dentro da sua própria cultura, isto é, dirigindo-se as necessidades e problemas específicos dos ouvintes. Encarnar o evangelho desta forma, é o que Padilla diz experimentar, o Senhorio de Jesus Cristo em sua situação concreta.

[...] Contextualizar o evangelho é traduzi-lo de tal maneira que o Senhorio de Jesus Cristo não seja um princípio abstrato ou uma mera doutrina, mas o fator determinante da vida em todas suas dimensões, o critério fundamental com relação ao qual sejam julgados os valores culturais que estão no próprio cerne do homem[...] (PADILLA, 1992, p. 102).

Temos que assumir a contextualização do evangelho como um dos elementos integrantes no processo missio-evangelístico, diminuindo a influência da ocidentalização, pois o êxito de algumas fórmulas evangelísticas em algumas latitudes, não é garantia de que venha a ser exitosa em qualquer cultura. Olhando a realidade da América Latina, Lembra-nos Cappelletti:

Pode-se observar nesse ambiente que o ponto de partida para a teologia latino-americana deveria ser a sua realidade. A Europa sempre fez teologia europeia a partir do cotidiano europeu e os latino-americanos a imitavam alienando-se. Somente quando voltaram à realidade, os teólogos descobriram um cotidiano diferente e então se tornou possível a criação de uma teologia latino-americana. (CAPPELLETTI, 1992, p. 73).

Chegou a hora, e ainda que timidamente, a igreja em Angola deve começar a construir uma teologia que responda às suas próprias necessidades e demandas culturais, às exigências históricas locais, uma teologia contextual e indo se despidendo da roupagem cultural ocidental, sem, portanto, prender-se num cativeiro cultural que produz um cristianismo-cultura.

O paradigma da *Missio Dei* como modelo para uma prática missional contextualizada em Angola

A igreja precisa estar sensível ao movimento do Espírito Santo de Deus e entender como poderá compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo a partir do nosso entorno e até os confins da terra.

Na sua relação com a missão, a Igreja segundo Goheen (2019 p.250) é missionária por sua própria natureza; mas ao longo dos tempos a igreja foi ajustando-se a modelos histórico-filosóficos que desfiguraram sua essência. A cosmovisão iluminista ainda conserva a maior parte dos elementos estruturantes da igreja contemporânea.

Entendemos que o paradigma missionário que predomina no mundo evangélico precisa ser revisto. Compreendendo o paradigma da *Missio Dei*, será possível plantar igrejas missionais, comunidades que entendam seu papel na sociedade e querem participar do que Deus está fazendo no mundo.

Importante lembrar que a igreja ocidental esteve por séculos no centro da igreja global e de sua iniciativa missionária, mas com o crescimento e a vitalidade da igreja em África, na Ásia e na América Latina significaram que o terceiro mundo não poderia mais simplesmente ser considerado um campo missionário para o Ocidente.

Essas mudanças tornaram obsoleto o paradigma iluminista da missão, dando lugar a novas reações e respostas, e, novo desafio de repensar todo o modo de entender missão. Segundo Nascimento,

[...] essa igreja da margem, da periferia, poderá desempenhar um papel fundamental na transição paradigmática e operacionalização do novo jeito de pensar e fazer. [...] Revendo suas motivações, a igreja atual pode deixar de reproduzir uma antimissão e participar da *Missio Dei* respeitando a agenda e a casa do outro (NASCIMENTO, 2015, p. 136).

A “missão, é, de todos e para todos os lugares” (no caso os seis continentes) e não mais de iniciativa unidirecional; a missão como *missio Dei* e igreja-com-os-outros em resposta à missão antropocêntrica iluminista (BOSCH, 1998, p.466-469).

A Urgência da Igreja se envolver e participar da *Missio Dei*

“Deus não me deixa de fora do que o Senhor está fazendo no mundo.”¹

Esta é uma frase célebre da professora Analzira que foi batizada como versão jovem da *Missio Dei*, mostrando um compromisso de parceria e cooperação com aquilo que Deus está fazendo no mundo, ou seja, a contribuição a ser dada no projeto de Deus. Cappelletti (2019, p.88) faz uma articulação importante quando afirma que Deus está presente na história, em cada situação concreta; o cristão é forçado a agir no mundo porque Deus já está agindo; a igreja deve discernir os movimentos de Deus na história e estar alerta a cada dia com a ação de Deus e viver uma tensão de temor e tremor.

A igreja tem o desafio de assumir sua tarefa na forma e na renovação da vida como um todo, pois, estamos perdendo o formato eclesial autêntico. Infelizmente, muitos estão acomodados e satisfeitos com a escravidão cultural em que a igreja hoje vive. Isso porque nossa autocompreensão está sendo moldada por uma história estranha à nossa história, a história bíblica. E nossa identidade está sendo formatada por imagens de uma igreja com implicações da herança iluminista e do espírito pós-moderno. Hans Kung, citado por Goheen, adverte dizendo que a igreja precisa voltar a sua condição inicial; deve retornar às suas origens, a Jesus, ao evangelho. Goheen (2014, p.43). Em outras palavras, a igreja precisa recuperar sua identidade bíblica, assumindo seu papel como igreja missional.

Nas palavras de Nascimento, *o Pós-cristandade (Missiologia Decolonial)* séc. XXI, o objetivo da missão é ser luz do mundo e sal da terra, isto é, existir para sinalizar o Reino de Deus, cujo projeto é a igreja de Cristo e a motivação a glória e o amor de Deus, com o método relacional (dialógico), participando da *Missio Dei* (NASCIMENTO, 2023). Acrescenta dizendo,

Participar da missão de Deus traz uma empatia com seus propósitos para a humanidade. É alinhar nossos objetivos com objetivos dele para o mundo. É descobrir nossa missão de vida e trabalhar em harmonia com seus propósitos para o planeta. É uma opção por um estilo de vida, e não simplesmente uma decisão de plantar Igrejas e converter almas. Um amor inexplicável pelo próximo invade nosso ser com um novo sentimento de diaconia (NASCIMENTO, 2015, p. 131).

Participar do projeto de Deus para a humanidade, nas palavras de Nascimento (2015, p. 124), é cumprir o propósito para o qual fomos criados. Com a certeza de que os eventos e programas já não satisfazem a comunidade cristã. A evangelização não é só a proclamação oral do evangelho. Atitudes comunicam mais do que discursos a verdade do Evangelho de Jesus Cristo. É preciso ler e interpretar o texto bíblico como uma unidade.

Lendo as páginas do Novo Testamento, podemos observar que na comunidade primitiva as pessoas eram atraídas à fé em Jesus Cristo porque os cristãos encarnavam as palavras do nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo um estilo de vida intrigante.

Considerações finais

A presença colonial no continente africano ou especificamente no nosso país, Angola, terá trazido alguma vantagem? Se dissermos que não houve elementos positivos, não estaríamos sendo verdadeiros. A proclamação do evangelho que resultou na plantação de igrejas em todo território nacional, foi um ato altruísta deste movimento ocidental. Apesar de ter a carga cultural ocidental, o importante é que o evangelho foi pregado. Diz o apóstolo Paulo aos Filipenses: Mas que importa? O importante é que, de qualquer forma, seja por motivos falsos, seja por motivos verdadeiros, Cristo está sendo pregado, e por isso me alegro (Filipenses 1:18-19 NVI).

Entretanto, este contato das culturas hegemônicas, conforme nos lembra Nascimento (2015), representou um aniquilamento cultural das culturas autóctones que configuram o mosaico angolano, canibalizando culturalmente outros segmentos sociais, construindo uma via de mão única, onde o autóctone é considerado um simples recipiente, destruíram conhecimentos alternativos e a negação da identidade do outro reduzindo a objeto.

Neste contexto, ao refletirmos as questões essenciais da *Missio Dei*, fundamentalmente o seu conceito numa perspectiva de continuidade e descontinuidade em relação ao Israel do Antigo Testamento, o propósito de Deus ter reunido e vocacionado um povo, a fim de que seus desígnios fossem realizados em restaurar a criação para o seu próprio desígnio, surge a imperiosa

necessidade de compreender, discernir e fundamentar a identidade e o papel do povo de Deus no mundo.

A igreja deve focar-se aos desafios que se impõe ao contexto histórico social e cultural de Angola, moldada pela institucionalização da missão, fechado, desolador, caótico, marcado pela pobreza, medo e divisões com estruturas e ideologias opressivas que transcendem ao indivíduo e que tendem condicionar sua cosmovisão, seu pensamento, seu estilo de vida e suas práticas. No geral, muitas dessas práticas contrariam os conceitos elementares da palavra de Deus.

Portanto, a igreja missional, como aquela comunidade que entende seu papel na *Missio Dei*, nos aponta para a necessidade das igrejas locais viverem como contracultura, em oposição aos valores incompatíveis com o Reino de Deus, demonstrando um engajamento missionário no mundo em que cada membro é capacitado a ser agente da missão no dia a dia, de maneira que a igreja é vista como presença que abençoa a vizinhança, que trabalha para o bem comum.

Ao trazer a problemática sobre a igreja missional no contexto angolano, precisamos lembrar sempre as palavras de Nascimento (2015, p. 142), citando Bosch, quando fala da necessidade da igreja ser um constante tornar-se, olhando para a missão como um processo contínuo de peneirar, testar, reformular e descartar. Portanto, a missão deve ser entendida como uma atividade que transforma a realidade e concomitantemente a necessidade da própria missão se transformar. O que leva a igreja missional enxergar a cultura e buscar a prosperidade e a paz da comunidade onde está inserida, como uma verdadeira comunidade alternativa e de contraste. Keller (2014) compartilha com o mesmo pensamento, que além da perspectiva conceitual, a materialização da prática missionária e especialmente no contexto urbano angolano deve indicar caminhos centralizados nos princípios da palavra de Deus para o desenvolvimento de igrejas missionais. Pois o evangelho muda todas as coisas. Por essa razão, a igreja missional, guiada pelo Espírito Santo, deve enxergar positivamente a cultura.

Até porque a cultura angolana na sua essência teve o socialismo primitivo e comunitário como base vital. O sistema colonial drenou este valor e o neoliberalismo que acompanha a globalização, está dando lugar a um novo modelo de vida baseado no consumismo. A cultura nunca mais voltará a ser a

mesma. Mas temos ainda a igreja como esperança, a comunidade de Cristo colocada sobre o monte.

Precisamos de renovação da vida como um todo, cujo formato eclesial e identidade moldada pela história bíblica, libertando-se da herança iluminista, do espírito pós-moderno bem como do cativo cultural produzido pelo casamento ou concepções que a igreja vem fazendo com a cultura vigente. Precisamos reforçar a urgência de uma missiologia bíblica e contextual que inclui na sua pauta a reflexão sobre alteridade, Nascimento (2015), dada a exaustão do modelo missionário vigente. Precisamos assumir nosso papel missional embarcando no projeto da *Missio Dei*, cuja motivação é sinalizar o Reino de Deus para glória de Deus com o método relacional (dialógico). Uma prática encarnacional e relacional pode nos dar a possibilidade do equilíbrio, evitando a reprodução dos erros do passado. Busca alternativas que podem neutralizar a matriz colonizadora e concebe a *Missio Dei* como paradigma que pode nos conduzir a uma prática missional na igreja angolana.

Referências bibliográficas

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Banto**. 2ª ed. Secretariado Arquidiocesano de Pastoral: Luanda, 1985.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAPPELLETTI, Paulo. **Encontro das Teologias Latino-americanas**: Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral. São Paulo, descoberta, 2019.

CHAVES, Mateus Justino. **O Papel Reconciliador da Igreja no pós-guerra civil em Angola**. Anápolis: Transcultural, 2008

GOHEEN, Michael W. **A igreja Missional na Bíblia**: Luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. **A Missão da Igreja Hoje**. Viçosa: Ultimato, 2021.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a diversidade das Culturas**: Um guia de antropologia missionária. São Paulo: Nova Vida, 1999.

IMBAMBA, José Manuel. **Uma nova cultura para mulheres e homens novos**. Luanda: Edições Paulinas, 2010.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Nova Vida, 2014.

MUENGANDALA, Agostinho Matias. **A Igreja Angolana e a Justiça Social**: Reflexões a partir do sermão do monte e da teologia bíblica. Joinville/SC: Mete Books, 2023.

NASCIMENTO, Analzira Pereira. **Crise e Esperança**: A praxis pastoral da igreja Batista na guerra de Angola 1985-2002. São Bernardo de Campo: Dissertação (mestrado) Universidade Metodista, 2005

NASCIMENTO, Analzira Pereira. **Evangelização ou Colonização**: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

NASCIMENTO, Analzira Pereira. **Teologia da Missão II**: Exposição do segundo módulo da Teologia da Missão II, feita no curso de Mestrado em missiologia, no Seminário Teológico Baptista da CBA no Huambo. Junho de 2023.

NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e a Cultura**: Série encontros e diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1967.

Série Lausanne 30 anos. *O Evangelho e a cultura: a contextualização da palavra de Deus; O Evangelho e o Homem Secularizado: o desafio do homem e da sociedade moderna*. Trad. José Gabriel, ABU Editora, 2ª ed. São Paulo, 2007

PADILLA, René C. **Missão Integral**: Ensaio sobre o reino e a Igreja. São Paulo: Fraternidade Teológica Latino-americana – Setor Brasil, Temática Publicações, 1992.

ROCHA, Tião. **Centro de referências em educação integral**. 2013.
Disponível em www.educacaointegral.org.br.